ASPECTOS HISTÓRICOS NAS RELAÇÕES ENTRE CONSTRUÇÕES SÓCIO-CULTURAIS E MEIO AMBIENTE

MÁRCIO JOSÉ WERLE*

Atualmente é comum encontrarmos expressões que definem a história como um conjunto de conhecimentos relativos ao passado da humanidade e seu desenvolvimento, segundo um lugar, uma época, e um ponto de vista escolhido. Esta definição pode ser útil para início de discussão, no entanto, para o desenvolvimento de um trabalho científico tal definição necessita de complementos.

A realização de um estudo de história ambiental aponta, sobretudo para questões relativas ao meio ambiente que estão presentes nos processos do passado da humanidade. Segundo o pesquisador Donald Worster, "em termos simples, trata do papel e do lugar da natureza na vida humana" (WORSTER , 1991:198-215). Por meio de uma abordagem histórica é possível observar as mudanças de atitudes dos seres humanos em relação à natureza no decorrer do tempo, por exemplo.

O estudo das interações dos diferentes povos com o meio ambiente, sugere inclusive a investigação de suas inovações, práticas e conhecimentos relativos ao meio natural. Um dos lugares possíveis, mas não exclusivo, em que se podem observar tais questões é o espaço do "mundo rural", ou seja, o contexto das comunidades agrárias.
Desse modo, compreender os processos de interação e a relação de influências mútuas dos seres humanos com diferentes meios ambientais e suas conseqüências são os pontos principais do ensaio textual aqui apresentado. Nessa perspectiva, ressaltando as questões ambientais presentes nos processos de colonização e suas manifestações nas comunidades coloniais, é possível observar relações entre as recriações culturais dos imigrantes em seu estabelecimento ao meio natural brasileiro. Entrementes, a questão é saber em que medida determinada configuração ambiental influencia na organização de instituições cooperativas no âmago dos núcleos coloniais?

Uma resposta para essa questão pode ser obtida pela associação das idéias acerca da paisagem agrária presente na obra de Leo Waibel[1]: como conjunto de elementos

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História,Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Auxilio Financeiro: Capes; CNPq – Projeto Germânias Tropicais: as colônias alemãs e a modelagem antrópica das paisagens em biomas do Brasil e da África.

[1] Léo Waibel(1888-1951) Geógrafo alemão que trabalhou no Brasil no período de 1946 a 1951.

materiais e circunstanciais que influenciam determinada formação e instauração de instituições sociais, neste caso analisado, nos primórdios da colonização da região sul do Brasil, durante o início do século XX. De maneira breve, pretende-se aqui demonstrar como o estudo do conjunto de elementos ambientais (relevo, vegetação e clima em geral) relacionados às práticas culturais (moradia, subsistência, manejo do solo), montaram um cenário de colonização da paisagem, no qual é possível compreender a instauração de instituições cooperativas, entendidas como estratégia de desenvolvimento dos núcleos coloniais.

Porém, em que medida a compreensão da paisagem pode contribuir para se ter um entendimento sobre as instituições de crédito rural, por exemplo? Para responder mais essa questão é necessário primeiro esclarecer qual a idéia de paisagem elaborada por Leo Waibel.

A idéia de paisagem agrária, enquanto a totalidade de elementos observáveis em determinado espaço, segundo Waibel, é desenvolvida a partir de dois conceitos: o de *Wirtschaftsformation* (Formação Econômica) e o de *Kulturlandschaft* (Paisagem Cultural), no qual é possível entender a *formação econômica* como uma *paisagem econômica* (quando o meio ambiente é modificado para a economia, como uma cultura de hortaliças, por exemplo), e a *paisagem cultural* como resultado do uso do solo, ou seja, do tipo de cultivos, técnicas utilizadas, estradas e instalações, determinadas pela *formação econômica* (ETGES, 2000:28).

A idéia de *paisagem natural* é amplamente estudada e desenvolvida por Waibel principalmente durante a primeira metade do século XX. Como bem apresentado por Virgínia Elisabeta Etges, no texto *A paisagem agrária na obra de Leo Waibel*:

> *Waibel passou a orientar-se para análises sistemáticas no campo da Geografia Econômica, especialmente no que dizia respeito ao espaço agrário. Nas discussões referentes à Geografia da Paisagem (Landschaftskunde) Waibel deu sua contribuição quando passou a destacar o papel dos homens na formação da* ***paisagem cultural****,conceito este que tem sua origem nas pesquisas sobre a paisagem do início do século XX, expressando a influência dos homens na formação e transformação da superfície terrestre*. (ETGES, 2000:28)

No entanto, a idéia de paisagem também ultrapassa a simples expressão da influência sobre a superfície terrestre, pois ela abrange inclusive todos os aspectos não visíveis e sensíveis pelo concreto, como por exemplo, os fenômenos espirituais.

Segundo Virgínia, “Waibel era da opinião de que aspectos sociais, religiosos e políticos não devem ser excluídos” (ETGES, 2000:28).

Em seus estudos sobre os *princípios da colonização européia no sul do Brasil*, Waibel investigou o processo de colonização e assentamento de imigrantes europeus na região Meridional brasileira, principalmente observando os aspectos econômicos e produtivos. Desse modo realizou uma análise partindo de informações sobre as condições naturais dos três estados mais meridionais do país, no qual se destacam os elementos geomorfológicos, climatológicos e fitogeográficos.

A análise das condições naturais é um dos passos para se compreender a noção de paisagem que Waibel propõem. Um segundo passo refere-se ao aspecto do povoamento e sobre o tipo de colonização. Para Waibel, “a colonização no Brasil tem sido sempre organizada, planejada, subvencionada e dirigida por alguém: pelo governo federal, das províncias ou estados e dos municípios, companhias particulares ou proprietários de terras individualmente. Por conseguinte, os métodos aplicados e os resultados alcançados diferem muito, de acordo com o tipo de colonização” (WAIBEL, 1949:168). Nesse sentido é possível compreender que dependendo da região a ser colonizada é necessário determinada organização respeitando as características e as condições naturais da região.

Outro passo importante para compreender a idéia de paisagem é associado ao tipo de colonização, mas refere-se ao sistema agrícola adotado pelos colonos. Nas próprias palavras de Waibel, “depois do tipo de colonização, é o sistema agrícola adotado pelos colonos o fato de maior significado para a colonização” (WAIBEL, 1949:180). Por exemplo, no caso do uso e preparação do solo para o cultivo, Waibel exemplifica que:

> *Tanto na literatura nacional como na estrangeira, os métodos agrícolas dos colonos europeus no sul do Brasil, são altamente elogiados e considerados como um retumbante êxito. Entretanto, quando se estudam esses sistemas no campo, faz-se uma observação chocante, a maioria dos colonos usa o mais primitivo sistema agrícola do mundo, que consiste em queimar a mata, cultivar a clareira durante alguns anos e depois deixá-la em descanso, revertendo em vegetação secundária, enquanto nova mata é derrubada para ter o mesmo emprego. O colono chama este sistema de roça ou capoeira, na literatura geográfica é geralmente conhecido como agricultura nômade ou itinerante. Na linguagem dos economistas rurais, é chamado sistema de rotação de terras. Este é, naturalmente, o sistema que os fazendeiros portugueses receberam dos índios, e passaram a usar desde então em suas grandes propriedades* (WAIBEL, 1949:180).

Compreende-se então que os elementos naturais (no caso acima as florestas) mais o tipo de colonização e o sistema agrícola (roças de queimadas) tomam parte dos elementos que formam a paisagem cultural de uma determinada região. Em outro comentário publicado com o título *O que aprendi no Brasil*, Waibel tece mais algumas observações acerca das maneiras de utilização do solo no Brasil:

> *Há no Brasil três tipos principais de utilização do solo: a grande lavoura, o pastoreio e a pequena lavoura. Estes tipos não constituem apenas sistemas agrícolas de interesse só para o agrônomo, mas são ao mesmo tempo instituições econômicas, sociais e culturais, que têm interesse tanto para o sociólogo como para o historiador ou geógrafo. Para estes tem essas instituições a maior importância, porque delas depende o aspecto da paisagem agrária. Além disso, elas influem nos tipos de habitação, de povoamento e em todo o nível de vida da população. Por esse motivo, a observação da paisagem cultural, pode dar grande contribuição ao estudo dos sistemas agrícolas* (WAIBEL, 1950:422).

Nesse sentido, as observações sobre o estudo dos sistemas agrícolas levaram Waibel à perceber em detalhes um dos grandes problemas da colonização do sul do Brasil: o tamanho das propriedades destinadas aos colonos. Segundo o autor, o tamanho adequado das propriedades é vital para qualquer projeto de colonização, e devia ser estudado cuidadosamente de todos os ângulos, antes de ser iniciada a colonização. Nessa oportunidade, Waibel apresenta uma expressão alemã, *minimale Ackernahrung*, que se refere à mínima quantidade de terra necessária para proporcionar a um agricultor e sua família um padrão econômico e cultural decente. O *minimale Ackernahrung* depende principalmente de dois fatores: as características físicas da terra e o sistema agrícola que o lavrador deverá aplicar(WAIBEL, 1944:195). No caso do sul do Brasil, o tamanho médio das propriedades era de 25 a 30 hectares, que segundo os cálculos não permitem a aplicação da rotação de cultura por serem pequenos demais.

> *Suponhamos que os primeiros cinco hectares derrubados sejam usados para cultura apenas durante um ano, depois deixado em repouso durante três anos. Este caso, o agricultor precisaria de 5 mais 15, ou sejam 20 hectares. Se ele deixasse a capoeira crescer durante 6 anos, precisaria então de 5 mais 30, ou 35 hectares, e assim por diante. Quanto mais tempo os campos já cultivados ficarem em capoeira, tanto melhor será para a restauração do solo e, naturalmente adiar o novo cultivo da capoeira até que a fertilidade original do solo tivesse sido restabelecida. Segundo a opinião da maioria dos colonos com quem conversei, isto exigiria 10 a 12 anos em terras boas e 15 a 20 anos em terras pobres* (WAIBEL, 1944:195).

Desse modo, seguindo os cálculos de Waibel, o tamanho do lote que permitiria a *minimale Ackernahrung* deveria ser de 55 (5x10+5) e 65 (5x12+5) hectares em terra boa e entre 80 (5x15+5) e 105 (5x20+5) em terra ruim. Esses valores demonstram que os tamanhos de 25 e 30 hectares são incompatíveis com o sistema agrícola aplicado. Em conseqüência disso, o colono tem que usar uma rotação de terra muito mais curta e cultivar sua capoeira a cada 5 ou 3 anos. Daí resulta que os solos se esgotam rapidamente, as colheitas decrescem e a estagnação econômica se instala.(WAIBEL, 1944:196) Quanto ao assunto da deterioração da terra, o autor ressalva que ela é ainda mais acelerada se considerarmos a divisão comum dos lotes originais entre os herdeiros, e nestas condições, por toda a parte os jovens emigram das propriedades rurais para as cidades ou para novas zonas pioneiras, nas quais procuram adquirir terra e começar o mesmo ciclo econômico.

É conveniente ressaltar que para Waibel a idéia de *paisagem cultural* é resultado dessa união de elementos dados pelas condições naturais, pelo uso predominante do solo (cultivos, técnicas, estradas, instalações) e pela formação econômica. É interessante observar que para compreender os processos de transformação social, econômica e cultural das populações agrárias é de grande utilidade compreender também a "paisagem cultural leowaibeliana". Pois, a elaboração e a noção de organização colonial como instrumento de análise para interpretar a ocupação espacial pelos colonos de origem alemã e a sua reprodução social nos sugere elementos para abordar historicamente a instauração e o desenvolvimento de instituições sociais nos núcleos coloniais.

As condições de existência material e social dos incipientes núcleos coloniais eram marcadas por essas dificuldades distinguíveis através da elaboração da paisagem cultural. São essas dificuldades: a distância em relação aos outros centros, as péssimas vias de comunicação e estradas, a falta de uma orientação nos métodos de trabalho, que caracterizam o contexto inicial em que está enraizada a fundação das caixas rurais nos núcleos coloniais alemães da região sul do Brasil.

Estes aspectos podem ser observados ao analisar o discurso do Diretor do núcleo colônia de Porto Novo, o Sr. Carlos Francisco Rohde na ocasião da fundação da Caixa Rural, em 1932:

> *O agricultor, que emigra de núcleos mais populosos para procurar nas terras virgens o futuro de seus filhos fica abandonado ao léu nas inóspitas paragens do interior, desbravando a matta virgem, arroteando o solo para entregar depois a comunhão da Pátria, não pode esperar pelas providências tardias das autoridades que no sertão grosso, com a deficiência dos meios de comunicação, com a falta de meios não a acorrem e quiçá ignoram-lhe os anseios verdadeiros. A caixa rural é o que a todos deve unir, ella recolhe as sobras dos que mais possuem e as emprega a módicos juros para incentivar aquelles que menos compensados foram pelo aquinhoamento da sorte. O espírito da harmonia e da cooperação conseguirá em pouco refletir-se beneficamente sobre os interesses da coletividade e o lema christão de um por todos e todos por um constituirá princípio de prosperidade da colônia. O capital ganho na gleba assim permanecerá na própria colônia, não convergindo para os bancos, que tem seus interesses nas cidades, mas será empregado na própria circunscripção rural, onde influirá sobre a fortuna da população em geral (*Livro de Matricula de Sócios da Caixa União Popular de Porto Novo. Manuscrito, p. 2. Arquivo da Creditapiranga Itapiranga – SC).

Nesta citação é possível observar a como as caixas de crédito rural configuram uma solução para o difícil desenvolvimento colonial. As Caixas Rurais, conhecidas entre os imigrantes como *Spar und Darlehenkasse*, caixas de poupança e de empréstimo, também chamadas de Cooperativas de Crédito Rural, foram inicialmente idealizadas e instituídas na Alemanha durante o século XIX. Trata-se de um sistema cooperativista nos moldes das associações fundadas por Friedrich Wilhelm Raiffeisen,[2] que desenvolveu cooperativas de crédito nas zonas rurais da Alemanha. Com a imigração, e mais precisamente com a chamada segunda onda migratória (de 1904 a 1930), foram também trazidas e adaptadas ao contexto brasileiro. No Rio Grande do Sul e oeste catarinense, o sistema de crédito foi implementado por Jesuítas de origem alemã.

Inicialmente, as caixas de poupança e de empréstimo eram resultado de iniciativas locais, sendo a primeira fundada em 1902. Um grupo de 19 agricultores, liderados por um Padre Jesuíta, Pe. Theodor Amstad, SJ.[3] A partir desta iniciativa,

---

[2] Raiffeisen nasceu, em 30 de março de 1818, como sétimo dos nove filhos do agricultor Gottfried Friedrich Raiffeisen e sua esposa Susane Marie, perto do Rio Sieg em Hamm, e faleceu em 11 de março de 1888 em Neuwied, perto de Koblenz. Raiffeisen cresceu nas condições economicamente opressoras. Em 1845 foi nomeado prefeito de 22 comunidades que perfaziam a prefeitura de Weyerbusch, no Westerwald.

[3] PE. Theodor Amstad, SJ, era suíço, nascido em 9 de novembro de 1851 em Bekenried am Vierwaldstättersee. Em 1864, com 13 anos de idade, estudou em Felkirch, no pensionato "Stella Matutina" até 1870. Em 3 de outubro de 1870 ingressou na Companhia de Jesus em Gorheim, Sigmaringen e nesse mesmo ano veio ao Brasil como Missionário. Atuou nas Paróquias de São Sebastião do Caí, São José do Hortêncio, Nova Petrópolis e Lageado. e foi o primeiro Vigário da Paróquia de Nova Petrópolis. Durante 38 anos, percorreu vastas regiões do Estado do Rio Grande do Sul, fundando cooperativas, sindicatos agrícolas, hospitais, asilos, escolas, revistas, paróquias e colônias novas, como de Cerro Largo e Santo Cristo. Dentre suas atividades o de maior repercussão,

fundaram-se instituições semelhantes em diversas outras localidades, de modo que em 1926 foi fundada uma Central de Caixas Rurais com 12 representantes. Em 1927 esse número já crescera para 20. Em 1929, as caixas ligadas à Central eram as seguintes: Agudo, Alto da Feliz, Arroio do Meio, Boa Vista (Santo Cristo), Colônia Selbach, Harmonia, Novo Hamburgo, Picada Café, Poço das Antas, Porto Alegre, Roça Sales, Rolante, Santa Cruz, Santa Maria, Santo Angelo das Missões, S. José do Herval, Três Arroios, Estrela, Bom Princípio, Serra Cadeado, Serro Azul, Sobradinho e Taquara (ZILLES, 1992:68).

Em 1932 foi implantada a primeira no oeste Catarinense, em Porto Novo, de modo que no final da década de 40, seu número no sul do Brasil chega a 47, conforme artigo publicado em 1949 no jornal "A voz de Chapecó":

> *A primeira destas Caixas foi fundada em 1902, cinco anos antes, portanto, de ser promulgada, no Brasil, a primeira lei de cooperativa do País. Naquele tempo era secretário geral da Sociedade União Popular, o PE. Theodoro Amstad, de saudosa memória, natural da Suíça, o apostolo sem par do cooperativismo no Sul do Brasil. A essa caixa seguiram-se, aos poucos, novas fundações e com o correr dos anos, até hoje, se formou esta pujante família de crédito cooperativo integradas pelas 47 Caixas existentes. Os resultados foram surpreendentes e a prova cabal do acerto no sistema dotado como modelo pela União Popular: o clássico sistema Raiffeisen, que prega a fórmula da constituição sem capital, sem distribuição de lucro e com a responsabilidade solidária e ilimitada do associado, bem como a gratuidade do associado. Poder-se-á imaginar fórmula mais ideal e cristã para o manejo do dinheiro? Parece-nos que não.*
> *A "Central das Caixas Rurais" foi fundada no ano de 1926, quando o número de Caixas já havia ascendido a mais de uma dúzia, foi pelas mesmas resolvido fundar uma central, a atual Central das Caixas Rurais já citada. Visavam, com esta centralização de federativa, facilitar o intercâmbio de dinheiros entre as diversas zonas agrícolas, promover a uniformização e, sobretudo, criar um serviço permanente e eficaz de assistência às cooperativas de crédito existentes, no que concerne à contabilidade, técnica de receber e dar dinheiro, eliminação de vícios e abusos, esclarecimentos sobre legislação, defesa das Caixas nos seus direitos de isenção de impostos.(...)A caixa Rural é em verdade, o Banco do Colono para o Colono* (Fundação de uma Cooperativa de Credito. *A voz de Chapecó.* 27de Fevereiro de 1949, nº 224, p. 5 Arquivo Biblioteca Pública Estadual. Florianópolis – SC).

No caso das Caixas de Credito Rurais, esses projetos de cooperação podem ser observados desde a sua origem e funcionalidade no contexto alemão, pois segundo

---

foi a fundação da primeira Cooperativa de Crédito Rural no Brasil, em 1902, donde surgiram uma série de outras, como Bom Princípio, Lageado, São José do Herval, Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires, Cerro Largo,constituindo-se até 1964 numa rede de 62 cooperativas, todas filiadas à Central de Caixas Rurais, que em sinal de reconhecimento por suas grandes obras, construíram em sua memória, na Localidade de Linha Imperial, em Nova Petrópolis, um monumento com os dizeres: "Ao Iniciador do cooperativismo de crédito no Brasil"; "*In memoriam P. Theodor Amstad S. J. - Colonorum Pater*". Acessado em 01/10/2008, e disponível em : http://www.sicredipioneira.com.br/arquivos/padre.htm

fontes históricas, o sistema adotado pelos agricultores imigrantes no Brasil era inspirado ao sistema já existente na Alemanha.

Desse modo, na Alemanha, Raiffeisen viveu um contexto de intensos debates em torno das relações trabalhistas e organizações de trabalhadores, sendo ele quem se preocupou com os trabalhadores das áreas rurais. No período em que atuava como prefeito, como conseqüência de uma má colheita no Westerwald em 1846, ocorreu no inverno de 1846/47 uma complicada onda de fome, de modo que a maior parte da população não tivera nada o que comer. Raiffeisen realizou então a fundação da Associação do Pão de Weyerbusch *(Weierbuscher Brodverein*), com a qual conseguiu garantir as necessidades alimentícias da população.

Assim surgiu primeiramente a fundação de uma cooperativa de fornecimento (*Bezugsgenossenschaft*) em Weyerbusch. Mais tarde foi prefeito de Flammresfeld, constituída de 33 comunidades, fundou a (*Hilfsverein zur Unterstützung unbemittelter Landwirte*), ou seja, uma Caixa de Economias.

A partir dessas associações desenvolveu, de 1862 em diante, as Associações de Empréstimo (*Darlehnskassenvereine*), que foram concebidas como organizações de ajuda mútua com responsabilidade ilimitada dos sócios. Na seqüência de sua aposentadoria em 1866, Raiffeisen se ocupou com as associações por ele fundadas. Ele as interligou e fundou em 1877 a Liga de Cooperativas Rurais (*Anwaldschaftsverband Ländlicher Genossenschaften*). Em sua fundação, a Liga contava com 24 Associações de Caixas de Empréstimo e em 1888, ano da morte de Raiffeisen, o número aumentou para 400. Isso resultou na Liga geral de Coopertativa-Raiffeisen Alemães. Desta experiência se seguiram ainda outras e em 1865 Raiffeisen escreveu um livro sobre o assunto, intitulado As Sociedades de Crédito como Instrumento de Auxílio das Necessidades da População Agrária (*Die Darlehenskassenvereine als Mittel zu Abhilfe der Not der Ländlichen Bevölkerung*). O sistema das associações de crédito organizadas por ele formam até hoje uma espécie de fundamento da organização das cooperativas rurais.

Os dados apresentados acima, revelam que as Caixas Rurais tiveram destacada participação no desenvolvimento dos núcleos coloniais e que elas são fruto do "trabalho exaustivo"[4] dos colonos imigrantes e seus descendentes, a ponto de algumas delas ainda

[4] *CREDITAPIRANGA, a instituição financeira mais antiga de Santa Catarina*. Vídeo disponível em:

estarem ativas e funcionando até os dias atuais. Esse é o caso, por exemplo, da Creditapiranga, fundada pela "Sociedade União Popular para Católicos Alemães" no núcleo colonial de Porto Novo, região que atualmente abrange a área dos Municípios de Itapiranga, Tunápolis e São João do Oeste, que em sessão solene realizada dia 05 de maio de 2008, na Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina homenageou os 75 anos de sua fundação e reconhecida como a instituição financeira mais antiga em atividade no estado.

Portanto, a elaboração e a observação da paisagem cultural oferece aqui um conjunto de elementos que propiciam uma fundamentação para a construção de um contexto histórico no qual é possível compreender o sentido amplo dessas instituições e sua participação no desenvolvimento dos núcleos coloniais. Desse modo, é possível observar a questão sobre a influência de determinada configuração ambiental na organização de instituições cooperativas E assim verificar a hipótese de que dependendo do contexto histórico-social, as Caixas Rurais surgiram devido às dificuldades de existência material e aos problemas de integração social que marcavam a paisagem cultural da colonização. A opção por esse tipo de instituição pode ser compreendida em decorrência do desafio vivido por esses sujeitos históricos em garantir a subsistência frente às dificuldades da colonização, sem perder os vínculos culturais de sua forma de concepção de vida social.

Ressaltando que o estudo da paisagem cultural aparece como um importante campo de pesquisa historiográfica e que esta investigação e análise revela uma configuração da colonização do mundo rural catarinense durante o século XX, que pode contribuir inclusive como experiência de compreensão da própria realidade rural atual.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rufino Porfírio. *Cooperativa de credito Santa Cruz Ltda.* 1987. 310f. Trabalho apresentado para o concurso publico de professor titular no Centro de Ciências Humanas, na UFSC.

DEAN, Warren. A botânica e a política imperial: a introdução e a domesticação de plantas no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 216-228. Disponível em: http://www.iea.usp.br/artigos/deanbotanicaimperial.pdf

---

http://www.rarima.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=122&Itemid=95 , Acessado em 01/10/2008.

DRUMOND, José A. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. Disponível em: http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2319

ETGES, Virgínia Elisabeta. A paisagem agrária na obra de Leo Waibel. *GEOgraphia* (UFF), ano II, n. 4, 2000.

FREITAS, Francisco E. *Cooperativa de Crédito Caixa União Popular Santa Cruz.* Florianópolis: Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, 1990.

NODARI, Eunice Sueli. Persuadir para Migrar: a atuação das companhias colonizadoras. In: Esboços. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC. Nº 10, Chapecó: UFSC 2002.

RAMBO, Athur B. O Associativismo Teuto-brasileiro e os primórdios do Cooperativismo no Brasil. In: *Perspectiva Econômica*, vol. 23, nº 62-63, Cooperativismo 24-25, Jul-Dez. 1988

SCHNEIDER, Sergio. A atualidade da contribuição Leo Waibel ao estudo da agricultura familiar. *Boletim Gaúcho de Geografia*, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 25-41, 2002. Disponível em << http://www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/380.pdf >>.

WAIBEL, Leo. Princípios da colonização européia no Sul do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, n. 2, abr-jun. 1949.

WAIBEL, Leo. O que aprendi no Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, n. 3, jul-set. 1950.

WAIBEL, Leo. As zonas pioneiras do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, n. 4, out-dez. 1955.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991. Disponível em: http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2324

ZILLES, Maria. *Porto Novo: uma colônia para Teutos-Católicos no processo de Expansão Colonial no Sul Brasileiro (1912-1933)* Dissertação de Mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em História da Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1992.